

## Hotaru no Haka

Pedro Pulino Melatte<sup>1</sup>

Às vezes, deparamo-nos com um filme que nos faz, especificamente, ser – ou pelo menos tentar ser – uma pessoa melhor. Assisti, recentemente, a um desses filmes.

“*Hotaru no Haka*”, conhecido no Brasil como “*Cemitério dos Vagalumes*” e por seu título em inglês “*Grave of the Fireflies*”, é acachapante. Por vezes, os filmes que tratam de situações tão delicadas, como a retratada em questão, caem num meloso apelo às lágrimas. Entretanto, esse filme paira muito acima desse “sujo” estratagema. Aliás, antes que me esqueça, trata-se de uma animação japonesa lançada em 1988.



Fonte: <http://colunaae.wordpress.com/category/cinema/>

Acesso: maio de 2012

A trama acontece em uma das passagens mais tristes da História: a Segunda Guerra Mundial. Não comentarei o início do filme. Sigo para uns cinco minutos à frente. Não direi o motivo. Próximo ao final da dita guerra, um bombardeio aéreo a Kobe, no Japão, mata a

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

mãe de duas crianças, o menino Seita e sua irmã mais nova Setsuko. Depois de um breve período morando com a tia, essas crianças têm de buscar um abrigo próprio para si. Morando sozinhas, elas lidam com um mundo cheio de medo, caos, dúvida, violência, perda e mesquinharia.

As pessoas que surgem no enredo estão sempre preocupadas consigo mesmas; apresentam um comportamento extremamente egoísta. Isso é, talvez, um dos pontos fortes e mais tocantes da película: o filme não mostra heróis e vilões. A situação vitimiza e torna monstros todos que alcança. Numa das passagens mais aterroradoras, Seita é pego roubando comida de uma plantação para sua irmã doente. O garoto apanha de modo tão duro, tão grotesco, que quando finalmente se encontra com sua irmã ele chora, chora não de dor, mas de humilhação e impotência diante de um mundo que se vira contra eles. Ou seja, em vez do maniqueísmo tentador de colocar os Estados Unidos como vilão, sob o pretexto de ser a perspectiva de uma criança, o filme tem suas lentes na própria sociedade, como quem diz: *“Espere, não se prenda apenas naqueles do outro lado do oceano, veja como nós também não lidamos bem com a situação”*. O que, claro, não significa que os estadunidenses não sejam colocados como perpetradores de ações atroz, pois a lente é ampla.

Outra passagem magnífica é a metáfora dos vagalumes. Setsuko, enquanto enterra os vagalumes que na noite anterior haviam iluminado seu abrigo, pergunta ao irmão por que os referidos insetos tinham que morrer tão cedo, bem como sua mãe. A cena é profunda porque os vagalumes representam tanto as crianças e esperanças quanto os vários aspectos presentes naquela guerra – aviões, bombas, o crescente tom sombrio que assola seu mundo e as vítimas do conflito – e (por que não?) a vida tão valiosa como as outras e na qual somos capazes de nos apegar.

Mesmo com momentos tão tristes, a história não se apresenta de forma piegas. Ao contrário, é sobre luta, uma vontade de viver extrema, pulsante, mesmo quando seus vagalumes são mortos um a um. Até que as luzes todas se apagam.

Tecnicamente, *“Hotaru no Haka”* é fabuloso. A arte é característica do Studio Ghibli, com paisagens belas e personagens com expressões faciais bastante acentuadas. A trilha sonora trabalha muito bem a favor da atmosfera do filme, com vários momentos sem música e

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.  
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - [revistasimbiotica@gmail.com](mailto:revistasimbiotica@gmail.com)

outros com faixas musicais marcantes. Um balanço digno de nota. Vale ressaltar o tom reflexivo do filme, que opta por vários momentos de reflexão durante a narrativa. As cenas, carregadas de emoção, intercalam-se com passagens comuns, como Seita lavando o rosto, roupas secando em um varal na floresta, ou um panorama geral da região. Isso contribui para tornar o mundo mais humano. É uma guerra, mas não significa que as crianças não vão ao banheiro, não brinquem ou durmam.



Fonte: <http://colunaae.wordpress.com/category/cinema/>

Acesso: maio de 2012

Só tenho a dizer que o diretor, Isao Takahata, fez um trabalho de mestre. Foi o meu primeiro filme dele. Outros, com certeza, virão.

Antes de encerrar, gostaria de comentar uma questão curiosa. O filme é baseado em um livro, de mesmo nome, do autor Akiyuki Nosaka, e a história é semi-autobiográfica. Segundo o autor, é um pedido de desculpas. Não direi a quem, para não interferir em sua reflexão acerca do filme.

Agora sim, finalizo o texto. Finalizo, pois diante dos inúmeros Seitas e Setsukos de nossa história, fica uma verdade: a de que não protegemos os inocentes. Nossa sociedade falha!

Não é, obviamente, nessas falhas que devemos nos ater. Entretanto, elas existem e cabe a nós corrigi-las. Essa película anti-guerra, essa mensagem de paz, é sensível o suficiente para nos dizer isso sem precisar de teorias econômicas ou sociais, sem precisar de um extenso corpo teórico, filosófico ou jurídico que discuta o valor de nossas ações. *Hotaru no Haka* o faz, utilizando crianças e vagalumes...